



OTOTOXICIDADE E PERDA AUDITIVA EM NEONATOS: IMPACTOS, MONITORAMENTO E ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO E ACOMPANHAMENTO¹

Rafaela do Nascimento², Júlia Sandri Peyrot³, Diana Polanski Teixeira⁴, Marilei Uécker Pletsch⁵, Vanessa Deuschle-Araújo⁶

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido na Unijui com foco em assuntos relacionados à audiolgia, área do curso de Fonoaudiologia

² Rafaela do Nascimento; Estudante do curso Fonoaudiologia - E-mail: rafaela.nascimento@sou.unijui.edu.br

³ Júlia Sandri Peyrot; Estudante do curso Fonoaudiologia - E-mail: julia.peyrot@sou.unijui.edu.br

⁴ Diana Polanski Teixeira; Estudante do curso Fonoaudiologia - E-mail: diana.polanski@sou.unijui.edu.br

⁵ Marilei Uécker Pletsch; Professora orientadora - E-mail: marileiu@unijui.edu.br

⁶ Vanessa Deuschle-Araújo; Professora orientadora - E-mail: vanessa.araujo@unijui.edu.br

Introdução: A ototoxicidade refere-se ao dano às células ciliadas da orelha interna, através de medicações consideradas ototóxicas. Os sistemas vestibular e coclear podem ser afetados por esses ativos, podendo comprometer a audição, o equilíbrio e funções adjacentes. Em neonatos, a perda auditiva pode estar relacionada ao uso prolongado de medicamentos ototóxicos, tornando essa preocupação ainda mais significativa. Isso ocorre porque seu sistema auditivo está em desenvolvimento, o que os torna mais vulneráveis aos efeitos adversos de certos fármacos. A identificação precoce e o uso criterioso dessas substâncias são fundamentais para minimizar possíveis danos, bem como a monitorização da função auditiva, pois a perda auditiva na infância pode causar atrasos significativos no desenvolvimento da linguagem, afetando a comunicação, a cognição, as interações sociais, a sociabilidade, as emoções, o processo de aprendizagem, o desempenho acadêmico e as perspectivas profissionais desses indivíduos. **Objetivos:** O objetivo deste trabalho é apresentar as medicações consideradas ototóxicas e discutir algumas condições de uso desses medicamentos que podem potencializar a perda da função das células ciliadas. Além disso, uma vez que a ototoxicidade é uma condição irreversível, o trabalho visa descrever a forma mais eficaz para realizar o monitoramento da função auditiva em neonatos sob tratamento com essas medicações, assegurando a detecção precoce de alterações auditivas e intervenções adequadas, visando uma melhor qualidade de vida desde a infância. **Metodologia:** O presente trabalho trata-se de uma revisão integrativa de literatura, a qual permite a busca, avaliação de forma crítica e síntese de pesquisas produzidas, aprofundando o assunto estudado. Para a sua realização, foram catalogados artigos científicos publicados nos últimos 15 anos, sendo utilizada a Scientific Electronic Library Online (SciELO), com os seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS): Ototoxicidade; Perda auditiva; Neonatos; Medicações ototóxicas. **Resultados:** A pesquisa resultou na inclusão de cinco artigos utilizando os critérios de inclusão descritos na metodologia. Os resultados da revisão indicam que as principais medicações consideradas ototóxicas incluem principalmente os antimicrobianos da classe dos aminoglicosídeos, como a amicacina e gentamicina, além da cefotaxima, ceftazidima, gentamicina, vancomicina, diuréticos de alça como a furosemida. Além destes, também



podem ser causadores de perdas auditivas a eritromicina, e cloranfenicol, e ampicilina, a polimixina B e a colistina. A dosagem de aminoglicosídeos é um tema controverso, pois, embora essa classe seja essencial no tratamento de infecções graves por bactérias Gram negativas, seu uso pode acarretar danos ao aparelho auditivo. Outras medicações menos prejudiciais podem não ser eficazes, e doses baixas de aminoglicosídeos podem não ser suficientes para combater a infecção, aumentando o risco de morte. Assim, a perda auditiva, como efeito adverso, é considerada aceitável em situações onde a vida do paciente está em risco. Pesquisas recentes buscam identificar a menor dose eficaz e a posologia mais segura desses antibióticos. Atualmente, acredita-se que os danos auditivos estão mais relacionados à duração do tratamento do que à dose, e, como a eficácia depende da concentração, é recomendável evitar administrações frequentes. Dado que a perda auditiva causada pelo uso de medicamentos ototóxicos é irreversível, uma estratégia essencial de controle é o monitoramento da função auditiva em recém-nascidos prematuros submetidos a tratamentos com esses fármacos. Para esse grupo, assim como para outros considerados de alto risco, recomenda-se a realização de testes auditivos antes do início da medicação e, posteriormente, em intervalos semanais ou quinzenais, até três meses após o término do tratamento, garantindo a detecção precoce de possíveis alterações na audição. **Conclusão:** A revisão da literatura evidenciou que a exposição a medicamentos ototóxicos, especialmente em neonatos, pode levar a danos auditivos irreversíveis, comprometendo aspectos fundamentais do desenvolvimento infantil. O uso criterioso dessas substâncias, aliado a um monitoramento auditivo rigoroso, é essencial para reduzir os riscos e possibilitar intervenções precoces. Dessa forma, torna-se indispensável a conscientização dos profissionais de saúde quanto à ototoxicidade, bem como a implementação de estratégias de prevenção e acompanhamento, garantindo melhores perspectivas de comunicação e qualidade de vida para os indivíduos afetados. **Palavras-chave:** Ototoxicidade; Perda auditiva; Neonatos; Medicações ototóxicas.